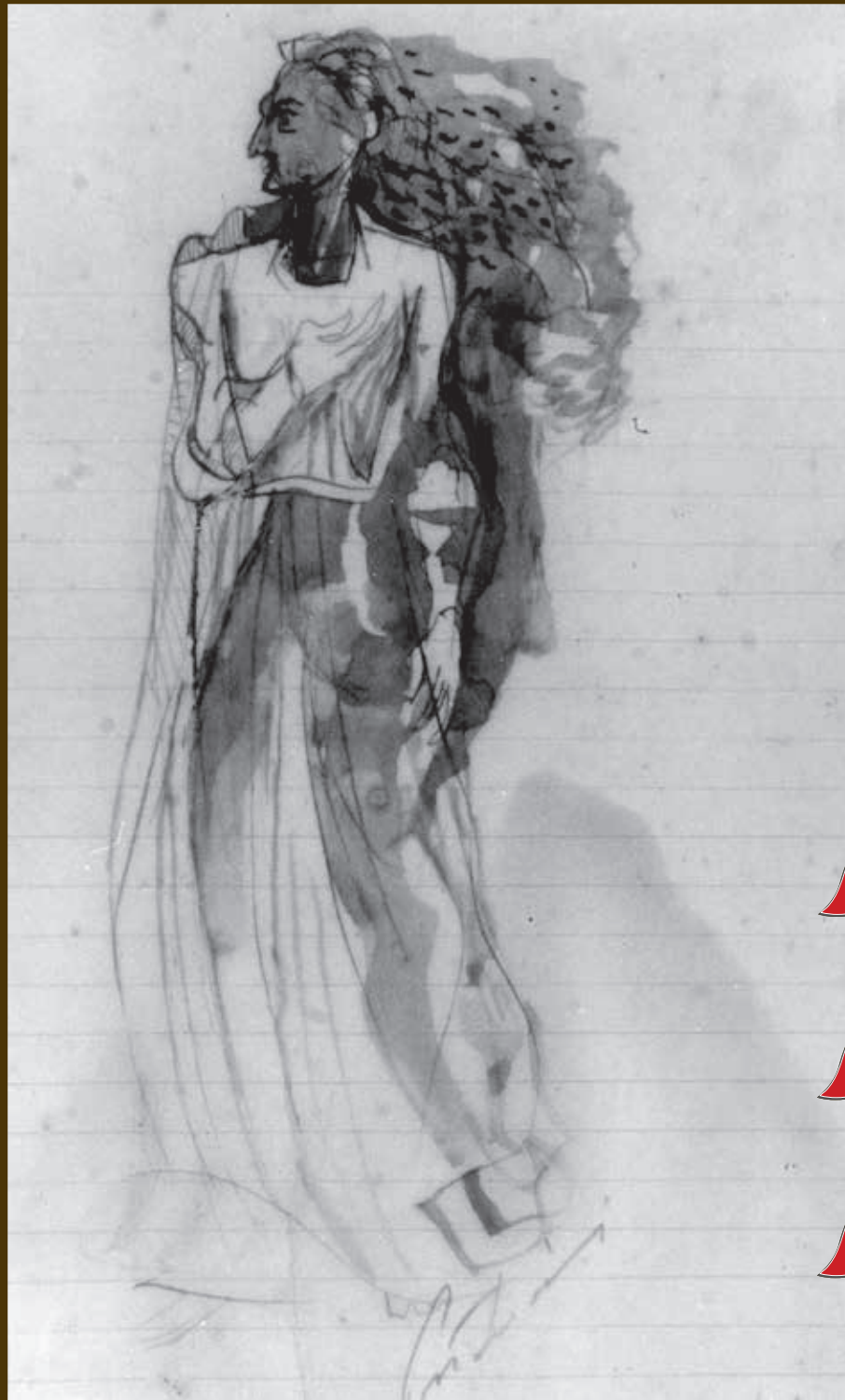


memória CULT



Ouro Preto - MG - Brasil - Ano VIII - nº 25 - julho de 2019

memoriacult.com.br



 **Homenagem a Saldanha Marinho**

por Elizabeth Santos Cupello

 **Ser Mineiro**

por Rogério Medeiros Garcia Lima

 **Entrevista:**

Jornalista Mayrinck Júnior



A Assembleia Legislativa busca caminhos para Minas superar a crise.

Os mineiros têm 135 bilhões* de reais a receber do Governo Federal.

Com esse acerto de contas, Minas quita sua dívida de 87,2 bilhões** e terá a receber 47,8 bilhões. Desses, 33,6 bilhões são dos municípios.

Agora, a Justiça decidiu que essa conta deve ser paga, e a União terá que compensar o estado de Minas e seus municípios por todas as perdas de arrecadação causadas pela Lei Kandir.

Essa é uma decisão importantíssima para a retomada do desenvolvimento do nosso estado.

Isso é Minas Gerais. Isso é Minas demais.

*Estimativa do Poder Executivo/MG sobre o valor que deixou de ser arrecadado entre 1997 e 2015 em decorrência da Lei Kandir.

**Fonte: Balanço Geral do Estado/dezembro 2016.



Saiba mais

SOU **minas**
DEMAIS



Poder e voz do cidadão

almg.gov.br



Número 25! Todos os anteriores e este, feitos com um gigantesco esforço editorial dependente de apoios que tornam a revista sem data exata para lançamentos. Mas, há anos perseguimos este ideal.

Nesta edição, o entrevistado é o presidente a AMIRT (Associação Mineira de Rádio e Televisão), Mayrink Pinto de Aguiar Júnior, orgulho da radiodifusão em Minas.

Nosso editor, o poeta Petrônio Souza, abre suas janelas literárias para o mundo....

A literata Elizabeth Santos Cupello bem demonstra seus dotes ao homenagear a coluna Saldanha Marinho.

O historiador José Antonio de Ávila Sacramento descreve Manoelina dos Coqueiros, de Entre Rios de Minas.

O desembargador Rogério Medeiros Garcia de Lima, de boa cepa sanjoanense, discorre magistralmente sobre “Ser mineiro”...

O professor Guilherme Queiroz de Macedo relembra em ensaio, o lançamento do nosso livro sobre o Convento dos Mercedários (e que agora é a principal matéria do primeiro volume da trilogia “Restaurações Singulares no Brasil e outras experiências acerca do patrimônio nacional”).

Belíssimo exemplo nos brinda o desembargador Doorgal de Andrada com a memória de Barbacena, exemplo a ser seguido....

E, finalmente, o professor Manoel Hygino, do alto de seu cabedal municipalista, descreve agora a cidade de Matozinhos.

Vale a leitura e reflexão sobre os artigos.


Bom 2019!



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Sumário



Acervo da autora

09 **Homenagens a Saldanha Marinho**
por Elizabeth Santos Cupello

04 **Página do Artista**
Portinari

05 **Entrevista:**
Jornalista Mayrink Júnior

15 **Novo livro do poeta mineiro**
Petrônio Souza
por Pinheiro Júnior



Acervo SXC

29 **No meio do caminho há Matozinhos**
por Manoel Hygino dos Santos

13 **“Santa” Manoelina dos Coqueiros**
por José Antonio de Ávila Sacramento

16 **Ser Mineiro**
por Rogério Medeiros Garcia de Lima

22 **Convento dos Mercedários 2ª edição**
por Guilherme Queiroz de Macedo

27 **Memória de Barbacena: importante**
trabalho de resgate
por Doorgal Gustavo Borges de Andrada



Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com. A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Meu caro Eugênio, excelente a última edição da Memória CULT, como sempre trazendo a história da Minas verdadeira, essa que aprendemos a amar e adorar. Com meu abraço afetuoso, do leitor,

Toninho Horta
Músico

Prezado Eugênio, com satisfação lhe agradeço pelo envio do último número da revista Memória CULT, que vem preencher uma enorme lacuna em publicações que resgatam a história do povo mineiro. Como sempre, uma prazerosa e esclarecedora leitura. Com meus cordiais cumprimentos,

José Maria Rabelo
Jornalista

ÚLTIMA EDIÇÃO



A edição número 24 da Revista Memória **CULT** entrevistou a empresária Laura Mediolli. Dentre outros assuntos apresentou os 175 anos da Batalha de Santa Luzia, artigo do Promotor Marcos Paulo de Souza Miranda.

EXPEDIENTE **memória CULT**

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano VIII - nº25 - julho de 2019
Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG
Editor | Petrônio Souza - Reg.: 7.124-MG
Projeto Gráfico | Raphael Simões
Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos
Foto da capa | Eugênio Ferraz

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



Artista da capa

Portinari



Desenhos de Portinari esboçando um anjo e Tiradentes. Peças valiosíssimas e que, de certa forma bem representam o momento atual por que passa nosso país... Orações e sacrifícios maiores para a nossa sociedade.

Cândido Portinari nasce em 30 de dezembro de 1903, numa fazenda de café perto do pequeno povoado de Brodowski, no estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, tem uma infância pobre. Recebe apenas uma instrução primária. Desde criança manifesta sua vocação artística. Começa a pintar aos 9 anos. E - do cafezal às Nações Unidas - ele se torna um dos maiores pintores do seu tempo.

O tema essencial da obra de Cândido Portinari é o Homem. Seu aspecto mais alto do grande público é a força de sua técnica social. Menos conhecido, há também o Portinari lírico. Essa outra vertente é povoada por elementos das reminiscências da infância na sua terra natal: os meninos de Brodowski com suas brincadeiras, suas danças, seus cantos; o circo; os namorados; os camponeses ... o ser humano em aspeços de ternura, solidariedade, paz.

Por sua produção estética e na vida consciente na vida cultural e política brasileira, Cândido Portinari alcança reconhecimento dentro e fora do seu País. This afirma-

tion of your bravour offselling for pended for personal culture, policies, religiosas, para designação de exposições and creation de obras; nos prêmios e honrarias nas nas mais diferentes partes do mundo; a aura de amizade e o respeito construído no torno de sua imagem; no bem do povo brasileiro, tão bem representado em sua obra.

Cândido Portinari morre no dia 6 de fevereiro de 1962, vítima de intoxicação pelas tintas. Na última década da sua criação, para uma sede da Organização das Nações Unidas, os painéis Guerra e Paz . Na função do diretor do Projeto Portinari, João Cândido, uma obra-síntese constituída pelo trabalho maior de toda uma vida do pintor. O mais universal, o mais profundo, também, em seu majestoso diálogo entre o trágico e o lírico, entre a fúria e a ternura, entre o drama e a poesia . Na avaliação do artista Enrico Bianco, Guerra e Paz são como duas grandes páginas da comunicação com o filósofo / pintor entrega à humanidade.

Fonte: <http://www.portinari.org.br>



Entrevista

Mayrinck Júnior fala da sua paixão pela vida e pelo Rádio

por Petrônio Souza*



Filho de radiodifusor, Mayrinck Pinto de Aguiar Júnior mantém a vocação e o amor pelo rádio vivo na tradicional família mineira da região centro-oeste do Estado. Empreendedor, dinâmico e agregador, o presidente da Associação Mineira de Rádio e Televisão (AMIRT) e do Sistema MPA de Comunicação conta um pouco de sua história e das muitas ações capitaneadas pela AMIRT nos últimos anos de sua gestão como presidente e do futuro próximo da comunicação no Brasil.

Mayrinck, como o rádio entrou no dia a dia de sua família? Como essa história começou?

A rádio Cultura de Divinópolis foi criada pelo meu tio Jovelino Rabelo, em 1946. Em 1961 o meu pai, Mayrinck Pinto de Aguiar, e minha mãe, Adelci Mattar, assumiram a emissora. De lá pra cá o rádio passou a fazer parte da minha família, diria até que ele se incorporou ao nosso DNA e em 1985, após me formar no INATEL em Engenharia Elétrica, voltei para trabalhar com meu pai. Atualmente o meu filho mais velho, Gustavo Mourão, após se formar em administração, na FGV-SP, veio também trabalhar em nossas empresas, mantendo a tradição familiar que já está na quarta geração.

Daquele tempo para os dias de hoje, quais foram as principais mudanças nesse universo da comunicação e dos ouvintes?

Muita coisa mudou, muita! Saímos do acetato para mp3. As emissoras tiveram acesso às tecnologias que colocaram as pequenas emissoras no mesmo nível de disputa em que se encontravam os grandes veículos. Somos somente limitados na nossa imaginação. Atualmente nossos ouvintes tem em suas mãos o celular, que virou a convergência das mídias, somos ouvidos e vistos por todos em qualquer lugar, navegamos em todas plataformas. Nunca o rádio esteve tão vivo e tão forte como na atualidade.

“[...] O rádio tem de ser encarado como um negócio. Temos que profissionalizar todos os setores, desde a parte artística, com pesquisas, até a área de vendas, com pessoas qualificadas e preparadas para ajudar o cliente a obter retorno nas várias plataformas em que hoje o rádio navega.[...]”

Hoje o mundo digitalizado é cada vez mais global. Qual o futuro dos veículos de comunicação do interior de Minas, por exemplo?

Temos atualmente a oportunidade de reforçarmos nossa presença em todas as plataformas disponíveis. Isso faz com que aumentamos a nossa relevância em nossas cidades e região, pois o rádio vive e dá espaço a essas comunidades. Somos um veículo de credibilidade com as informações e notícias que veiculamos. Temos a oportunidade de nos tornarmos cada vez mais relevantes em nossas comunidades. Isso é uma grande coisa, pensar no todo, mas agindo localmente.

Você está à frente da AMIRT hoje. Você poderia lembrar um pouco de como foi o início da AMIRT em sua família?

A AMIRT iniciou com 53 radiodifusores em 1968, onde meu pai foi vice-presidente de Januário Carneiro, ou seja, foi um fundador da entidade. E hoje estou, com muito orgulho, exercendo a presidência da entidade, que comemora neste ano seus 50 anos. À frente da AMIRT tivemos a oportunidade de mostrar a toda sociedade mineira e brasileira o quão forte é a mídia rádio e a TV, principalmente no interior, um rádio vivo, interativo, criativo, dinâmico e muito próximo do cidadão que o ouve. Um veículo que se mostra uma verdadeira FENIX, pois a cada salto tecnológico sua morte é decretada, mas o rádio se adapta e assimila as tecnologias com a mesma velocidade que elas são criadas. Um veículo realmente moderno e competitivo.

Minas é o segundo Estado do Brasil com maior número de emissoras de rádio, o primeiro é o Rio Grande Sul. O que falta para esse veículo ser mais valorizado, sabendo que ele está ligado diretamente com a vida dos brasileiros?

O rádio tem de ser encarado como um negócio. Temos que profissionalizar todos os setores, desde a parte artística, com pesquisas, até a área de vendas, com pessoas qualificadas e preparadas para ajudar o cliente a obter retorno nas várias plataformas em que hoje o rádio navega. Quanto mais profissional, mais retorno financeiro o veículo dará e terá. Quem não se profissionalizar irá ficar pelo caminho.

E a TV educativa, qual o futuro dela em tempos de canais pagos e redes sociais?

A TV Educativa precisa aprender a trabalhar em redes regionais e em alguns momentos estaduais, aprender a trocar conteúdos para obter uma boa grade. Desenvolver projetos de leis de incentivo e buscar no mercado os financiamentos. Pois é o único modelo de TV que sempre fala e dá espaço a sua comunidade.

E como você avalia o futuro do jornalismo no rádio e na TV?

Na minha opinião a grande moeda no futuro será o CONTEÚDO. Portanto, se gerarmos conteúdos locais, seremos imbatíveis em nossa cidade e, conseqüentemente, na região. Pois as grandes redes não conseguem tal façanha. Acredito em milhares de veículos fortes em suas cidades, pois esses veículos falam e representam essa sociedade com credibilidade, principalmente em tempos de FAKE NEWS.

Um tema recorrente no Brasil hoje é a liberdade de expressão. Qual a garantia que o cidadão brasileiro pode ter quanto à perenidade dessa liberdade?

Quando o veículo local vive a sua comunidade e a representa, dando espaço e voz ao cidadão, o rádio está cada vez mais garantindo a liberdade de expressão e consolidando essa conquista da democracia, de forma definitiva. Portanto, rádios fortes nas cidades garantem e asseguram a perenidade dessa liberdade.

Queria que você falasse um pouco dos seus veículos e do perfil de cada um.

O Sistema MPA de Comunicação situa-se no centro-oeste de Minas Gerais, mais precisamente em Divinópolis, cidade de 230 mil habitantes. São quatro emissoras de rádio, uma TV, e uma empresa de outdoor, além do Portal de Notícias: www.sistemampa.com.br, e um site de venda de ingressos para eventos.

As rádios: **Rádio Minas FM** – Fundada em 1946 em AM que migrou em 2018 para o FM. É uma emissora eclética, transmite direto de Belo Horizonte em torno de 120 jogos de Cruzeiro e Atlético ao ano. Tem os mais citados comunicadores da cidade e atua fortemente no jornalismo local. **Rádio 94 FM** – Fundada em 1981, É a única emissora da cidade e da região 100% Pop/Rock. **Rádio Nova Sertaneja** – Fundada em 1988. É a única emissora da cidade e da região 100% Sertaneja. **Rádio Nova Brasil** – Fundada em 2010. É a única emissora da cidade e da região 100% MPB.

E quais os seus passos junto à AMIRT?

Agradecer a oportunidade que me concederam de poder compartilhar minhas experiências, quando me deram a honra de conduzir a AMIRT por duas vezes nos últimos quatro anos. À frente da AMIRT tivemos a oportunidade de mostrar a toda sociedade mineira e brasileira o quão forte é a mídia rádio e a TV, principalmente no interior. Investimos em um rádio interativo, criativo, dinâmico e extremamente forte em sua comunidade. Um veículo que se mostra uma FENIX, pois a cada salto tecnológico sua morte é decretada, mas o rádio se adapta e assimila as tecnologias com a mesma velocidade em que elas são criadas. Um veículo realmente moderno e competitivo. Nesses últimos quatro anos tivemos a oportunidade de viver uma parte muito bonita da história do rádio, a modernização tecnológica que igualou o pequeno radiodifusor ao maior radiodifusor. Um fato histórico vivido por todos nós foi a migração das emissoras AM para FM. A AMIRT participou ativamente desse processo.

Para finalizar, queria saber qual a sua opinião quanto à revista Memória CULT.

Um projeto ousado, com um conteúdo diferenciado, destinado à preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. Parabéns ao Eugenio Ferraz pela iniciativa e perseverança em nos deixar um veículo comprometido com nossas raízes mais verdadeiras. Enquanto houver a Memória CULT, a cultura mineira respirará.

***jornalista e escritor**

“[...] Na minha opinião a grande moeda no futuro será o CONTEÚDO. Portanto, se geramos conteúdos locais, seremos imbatíveis em nossa cidade e, conseqüentemente, na região.[...]”



Novo livro do poeta mineiro Petrônio Souza

Com distribuição nacional, “Braço de Rio, Pedaco de Mar” chega às livrarias de todo o Brasil trazendo uma poesia leve, moderna e, sobretudo, atendida com o seu tempo

Pinheiro Júnior*

“Braço de Rio, Pedaco de Mar” é o terceiro livro de poesia que Petrônio Souza Gonçalves lança para felicidade geral da nação, sempre fiel ao difícil afazer poético, a um só tempo popular e de sutil profundidade. Se o anterior - “Um facho de sol como cachecol” -, que foi lançado em oito capitais e 38 cidades brasileiras maravilhou público e crítica, esse novo livro inscreve definitivamente o mineiro no trancado cenário literário nacional. Não bastassem elogios de Verissimo, Zuenir Ventura e Fernando Morais movendo-o aos picos dos maiores poetas de sua geração, Petrônio atualmente viaja o Brasil com um sarau de música e poesia com ninguém menos que o guitarrista Toninho Horta. O sarau de Petrônio e Toninho já passou por 23 cidades brasileiras e três capitais.

Até o fechamento desta edição, o livro já havia recebido 19 convites para lançamento em cidades mineiras e quatro capitais brasileiras.

Reconhecimento da crítica

Além do prefácio assinado por Aldir, o livro traz ainda um depoimento de Ferreira Gullar, que dizia não gostar de fazer apresentação ou depoimentos para escritores e poetas. Falecido em 2016, Ferreira foi amigo de Petrônio, que sempre o visitava em seu apartamento no Rio de Janeiro. O depoimento de Gullar talvez tenha sido, mais que uma exceção, um dos últimos textos do maranhense e que ainda estava inédito. Outros que falaram bem de Petrônio foram Sebastião Nery, Aristóteles Drummond e José Hamilton Ribeiro, além de Toninho Horta, Paulo Betti, Tostão, cronista post-futeboler, e o imortal machadiano Geraldo Carneiro, que orelhou o livro de um lado. Na outra orelha, Jane Godoy, do Correio Braziliense, disse: – “Em suas 238 páginas de pura poesia, o autor conseguiu dar a ela, a poesia, uma imagem de pureza, ligeireza, leveza e beleza, que – vale confessar - jamais vi. A cada página, uma surpresa, tal a sua originalidade e forma de fazer poesia, como a da página

114 em que se lê: “Aprendi a ser como o ipê: Quando escureço. Despido entristecido padeço; Aí é que floresço.” Até que chegamos à última página com: “Para arrumar a casa/ É preciso afastar os móveis”.

Sobre o tempo, ele lembra ainda que: “A juventude não existe mais; Aquela./ Os sonhos não existem mais; Aqueles./ A namorada não existe mais; Aquela./ No entanto, Entre o riso e o pranto,/ A vida não parou no que passou,/ Não é o vento que pousou na janela,/ A tempestade que ficou aprisionada na sala de espera./ A vida não é um lugar;/ É onde você está./ E segue sempre,/ Invariavelmente,/ Na busca da eterna primavera.”

O livro

Com capa de Paulo Caruso, “Braço de Rio” é, em seus 237 poemas sem título, o singular e original ato de fazer poesia só como Petrônio faz. Porque, segundo o próprio autor, o “título muitas vezes já é uma síntese do poema, quando na verdade a poesia, por si só, é essa síntese; então o livro traz a primeira frase em negrito, e a síntese, a alma do poema, distribuída em seus versos”.

Vale destacar a sacada do poeta no texto que dedicou ao grande herói nacional: “Tiradentes fez da força/ O laço com a história./ O oito em infinito/ Da mais plena glória./ Nós enxergamos pouco,/ Somos desprovidos de primaveras./ Nem sabemos,/ - Como na cruz -/ Quando o fim se cala/ No quedar da cabeça tombada,/ Que é o aceno do tempo/ Para o que está no alto/ E acabou de nascer.”

E para fechar, o poeta demonstra toda paciência quando está à procura da palavra poética certa: no último poema do livro, na verdade, um poemeto, sintético e preciso, escreve: “Não tenho pressa/ Tenho a chave”.

O livro está disponível no site: <https://www.boaviagemdistribuidora.com.br/Sinopse.aspx?id=131743>

*jornalista e escritor, residente no Rio de Janeiro



Homenagens a Saldanha Marinho

Elizabeth Santos Cupello*

Joaquim Saldanha Marinho foi uma figura exponencial para a cidade de Valença, RJ, berço de nobres vultos, por onde passaram ilustres personalidades, muitas originárias de Municípios do Estado de Minas Gerais, com os quais o Município de Valença manteve fortes elos históricos, especialmente com a cidade de Ouro Preto, onde Saldanha Marinho deixou a marca de sua trajetória, o que lhe valeu, entre outras homenagens, um Monumento com o seu nome.

Por isso, foi com grande satisfação que li um significativo texto sobre a “Coluna Saldanha Marinho”, assunto pesquisado e muito bem redigido pelo Dr. Marcos Paulo de Souza Miranda – a quem parabenizamos – publicado na excelente Revista “Memória Cult” - Ano I, nº 2, de março de 2011. Esta importante publicação, criada pelo Dr. Eugênio Ferraz, seu Diretor Executivo, presta um inestimável serviço de divulgação para a preservação da memória cultural, histórica e para a conscientização do meio ambiente.

Relata-nos o autor daquele texto, que na cidade de Ouro Preto MG, propuseram uma ação não muito usual à época: “(...) em 10/ novembro/1866 alguns cidadãos resolveram abrir uma subscrição popular para angariar recursos para a construção de um monumento à memória dos primeiros mártires da liberdade e independência do povo brasileiro, os heróis da Inconfidência de 1789”.

Formaram uma comissão para esse fim e em 1867 foi contratado o engenheiro-chefe da Província, Henrique Gerber, para que projetasse um expressivo monumento que simbolizasse o sentimento de gratidão do povo e para eternizar a façanha heroica dos pioneiros que ousaram pensar na liberdade e independência da terra brasileira.

Além da subscrição popular, muitos recursos devem ter sido tentados para arrecadar fundos para aquela empreitada. Segundo pesquisas do autor, “foi encenada naquele ano de 1867, no Teatro de Ouro Preto, uma peça intitulada A Inconfidência, certamente uma das primeiras

produções teatrais sobre o movimento rebelde das Minas”.

Em abril daquele mesmo ano, deram início à “pedra fundamental daquele monumento, contendo um cofre em cujo interior depositaram poesias da lavra dos poetas de inspiração libertária, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto”.

Segundo o autor, Dr. Marcos Paulo, “sobre o cofre foi assentada a base da coluna, cumprindo tal mister o Presidente da Província de Minas Gerais e maçom de relevo, Joaquim Saldanha Marinho, que para tanto se valeu de uma colher de pedreiro, uma trolha e um malhete (instrumentos de alta significação maçônica).”

Cada vez mais nos surpreendemos com fatos, episódios ou a história de pessoas ligadas tanto ao Município de **Valença, RJ**, quanto aos municípios mineiros, neste caso com **Ouro Preto**.

Saldanha Marinho nasceu em 04/05/1816 em Pernambuco, falecendo no Rio de Janeiro em 1895. Terminou o Curso de Direito aos 21 anos. Foi um atuante político, sociólogo, jornalista e, como tal, escreveu diversas obras sob o pseudônimo de Ganganelli.

Na política, à época do Império, foi Deputado Geral, atuando em cinco legislaturas: de 1848 a 1849; de 1861 a 1863; de 1864 a 1866; de 1867 a 1868; e de 1878 a 1881. Foi Presidente das Províncias de Minas Gerais (1865 a 1867) e de São Paulo, de outubro de 1867 a abril de 1868. Foi também Deputado pela Província de Pernambuco.

Ao final de sua primeira legislatura como Deputado Geral, e tendo-se dissolvido a Câmara dos Deputados, Joaquim Saldanha Marinho estabeleceu-se na cidade fluminense de Valença, por doze anos, onde exerceu a advocacia. Tornou-se um grande amigo da cidade, com a qual muito se identificava, chegando a defendê-la com grande entusiasmo na Corte, como grande tribuno e jornalista. Empenhava-se pelos assuntos sociais e políticos valencianos.



Valença pres-
tou-lhe duas homena-
gens: colocou o seu
primeiro nome, Joa-
quim, no principal sino
da Matriz de N. S. da
Glória; e a segunda
homenagem ao reno-
meiar a Rua dos Mi-
neiros (principal rua da
cidade) como Rua Sal-
danha Marinho.



Sino "Joaquim" | Catedral de Valença RJ

Fotografia: livro "Valença de Ontem e de Hoje"



Antiga Rua Saldanha Marinho – Valença RJ.

Durante algum tempo a denominação da rua as-
sim permaneceu, mas a tradição do nome "Rua dos Minei-
ros", dado em honra aos tropeiros que por anos e anos ali
passaram e descansavam alguns dias, seguindo após por
esse caminho, subindo a Serra dos Mascates em direção
à Província do Rio de Janeiro. Este foi o elo significativo
para a memória dos valencianos, retornando a denomina-
ção para Rua dos Mineiros, nome que prevalece até hoje.

Fotografia: acervo ICVRP (2013)



Atual Rua dos Mineiros

Talvez na qualidade de Grão Mestre Maçom
que Saldanha Marinho, mesmo já não residindo na ci-
dade de Valença, RJ, tenha sido um dos inspiradores
para o surgimento da "Loja Capitular União, ao Vale
de Valença", em 1864, que deu origem à atual "Loja
Maçônica Perfeita União nº 13".

Segundo o saudoso escritor valenciano Dr.
José Leoni Lório – formado em Farmácia na cidade
de Ouro Preto (1922) - em seu livro Valença de On-
tem e de Hoje (1ª edição, 1953, Cia. Dias Cardoso
S.A. - Juiz de Fora, MG), ao referir-se à Saldanha
Marinho: *"de 1861 a 1873 não houve nome mais co-
nhecido nas lutas políticas do Brasil. Nenhum polí-
tico – dizem as crônicas da época – o excedeu na
bravura, na intrepidez, na impetuosidade e na vee-
mência, quando defendia as suas idéias"*.

Voltando à significativa homenagem aos In-
confidentes em Ouro Preto, segundo o autor do
texto, naquela Revista, Dr. Marcos Paulo de Souza
Miranda, *"(...) a comissão deliberou que o monu-
mento deveria ser erguido no exato local onde havia
ficado exposta a cabeça de Tiradentes (de frente ao
Palácio dos Governadores e não no centro da hoje
chamada Praça Tiradentes)"*.



Ainda sobre a Coluna Saldanha Marinho, nela foi
colocada uma placa, em uma de suas faces, contendo
a seguinte frase: *"À memória dos inconfindentes de 1789
levanta este singelo monumento a gratidão nacional
para perpetuar no coração das gerações vindouras os
nomes e sacrifícios de (...) "seguem os nomes dos incon-
findentes, exceto dos religiosos, cuja sentença ainda não
era conhecida à época"*.

Foto: Diácono Agostinho Barroso



Na outra face do monumento fixaram outra placa: "Seos nomes infamados pelo despotismo, rehabilita-os a liberdade; sagra-os eternos a veneration e respeito dos homens livres de todas as nações. Anno de 1867"

O fato histórico, posterior àqueles acontecimentos, nos relata que foi aprovada uma Lei Estadual de nº 03, de 25 de setembro de 1891, autorizando o Presidente do Estado de Minas Gerais, o Dr. Cesário Alvim (em sua segunda gestão), a aplicar até a quantia 200:000\$000 (duzentos contos de reis) para a construção de um novo e grandioso monumento para trazer à memória de todos a data de 21/abril/1892, para fixar o primeiro centenário de morte do Alferes Tiradentes.

Fotografia: acervo ICVRP



Praça Tiradentes - Ouro Preto

Desta vez o escultor italiano Virgílio Cestari executou o monumento, cuja inauguração aconteceu no dia 21 de abril de 1894. Este monumento é o que permanece atualmente na Praça Tiradentes em Ouro Preto.

Segundo o Dr. Marcos Paulo, *"até o dia 17 daquele ano a Coluna Saldanha Marinho permaneceu ereta, ao lado do monumento em conclusão, ocasião em que foi desmontada e transferida para o almoxarifado da estação ferroviária da cidade"*.

Seguindo os passos históricos da antiga Coluna Saldanha Marinho, consta que até o ano de 1937, suas partes continuaram no depósito do almoxarifado da Estrada de Ferro Central do Brasil, ocasião em que o então Presidente do IHG de Ouro Preto, Sr. Vicente Andrade Racciopi transferiu-a para a denominada Casa de Gonzaga (Tomás Antônio Gonzaga), ficando ali por 10 anos. Em 1947 foi transportada para a cidade de Belo Horizonte para ser instalada na hoje Praça Tiradentes.

Segundo consta, na cidade de Belo Horizonte ficou esquecida, em um total estado de abandono em "um almoxarifado à Avenida dos Andradas, nº 1345, entre latas, canos e ferro velho".

Em 1980, o Secretário de Turismo e Cultura de Ouro Preto, Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos (no Governo do Prefeito Dr. Alberto Caram), tendo recebido notícias sobre a Coluna Saldanha Marinho, pôde, de acordo com a Prefeitura de Ouro Preto, recuperar o antigo monumento do qual só havia o fuste sem o capitel e a base de sustentação. No Depósito também havia uma pasta de documentos sobre a Coluna.

O então Secretário de Cultura, Dr. Ângelo Oswaldo (Membro da AVL), com a colaboração do Mestre de Obras, Sr. José Domingos, pôde refazer a Coluna, tendo como apoio uma fotografia do século XIX

Fotografia: PMOP - Públio Athayde



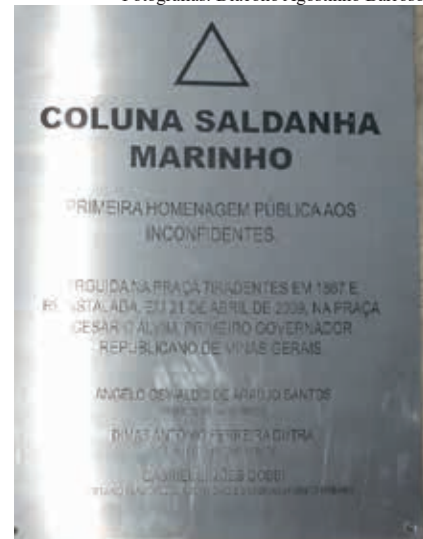
Coluna Saldanha Marinho - Praça Amadeu Barbosa.

A inauguração foi feita na Praça Amadeu Barbosa (praça situada no Bairro Barra, em Ouro Preto), em 21 de abril de 1981, na administração do Prefeito Alberto Caram.

Posteriormente, na gestão do Prefeito Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, a Coluna Saldanha Marinho, devidamente restaurada, foi transferida para a Praça Cesário Alvim (Praça da Estação), local amplo e visível, colocada sobre uma base hexagonal e com degraus “de acordo com o projeto original do engenheiro Henrique Gerber - 1867”.



Placa da esquerda: “A cidade de Belo Horizonte devolveu este Monumento à Cidade de Ouro Preto”. (seguem nomes de autoridades. Data: 21 de abril de 1981).



Placa da direita: “Coluna Saldanha Marinho - Primeira homenagem pública aos inconfidentes. Erguida na Praça Tiradentes em 1867 e reinstalada, em 21 de abril de 2009 na Praça Cesário Alvim, primeiro Governador republicano de Minas Gerais”. (seguem nomes de autoridades, sendo Prefeito: Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos).

Fotografia: PMOP - Gracy Laport



*Coluna Saldanha Marinho
Praça da Estação - Ouro Preto.*

Fotografias: Diácono Agostinho Barroso



Coluna Saldanha Marinho

Graças à sensibilidade e aos ideais de preservação da memória do País e, principalmente, da histórica Vila Rica, o Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, agindo como cidadão consciente e também como administrador público, conseguiu dar ainda mais visibilidade e harmonizar com a atualidade a estimada cidade de Ouro Preto, preservando sua história para as gerações futuras.

Ficamos orgulhosos (pessoalmente, e de um modo geral os valencianos), com mais esta ligação com o Município de Ouro Preto, porque aquela cidade, ao homenagear aos mártires nacionais da Inconfidência Mineira, denominou seu primeiro Monumento com o nome do Dr. Joaquim Saldanha Marinho, tão carinhosamente estimado pela cidade de Valença, RJ, da qual foi um grande protetor e amigo.

Dessa forma, as ligações históricas das cidades de Valença, RJ e Ouro Preto, MG mais uma vez se consolidam, não só pela história e pela personalidade de Joaquim Saldanha Marinho, mas através de um monumento cravado, definitivamente, no coração da terra mineira.

*** Advogada, Membro da Academia Valenciana de Letras - Cidadã Honorária de Ouro Preto, MG e de Valença, RJ - Vice-Pres. do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto.**



“SANTA” MANOELINA DOS COQUEIROS

(Modesta contribuição ao registro de credences, cultura e religiosidade populares)

José Antônio de Ávila Sacramento*



Manoelina Maria de Jesus, a “Santa” de Coqueiros. Fotodigitalização da primeira página do jornal A Noite (Ilustrada). Edição n° 57, de 06 de maio de 1931

No princípio da década de 1930, em Coqueiros, um povoado situado a cerca de 12 km da cidade de Entre Rios de Minas - MG, acredita-se que uma moça começou a fazer milagres. Assim, a analfabeta Manoelina Maria de Jesus (1911-1960) acabou ficando conhecida pelo apelido de *Santa* Manoelina dos Coqueiros. Era pessoa simples, pobre, honesta, fervorosa e passava os dias cantar benditos e dizem que ela se alimentava apenas de vinho e água.

Naquela época, Entre Rios acabou ficando conhecida no país inteiro por causa de reportagens veiculadas na revista *O Cruzeiro* e no Jornal *A Noite*, onde o repórter David Nasser narrava seus supostos milagres. Consta que a “santinha” nunca recebeu dinheiro pelos seus prodígios e que Coqueiros ficava sempre cheio de doentes e romeiros, já que a notícia dos prodígios que ela operava se espalhou pelo Estado e diversas regiões do Brasil. O local tornou-se um centro de fé e curiosidade.



Os poucos carros da época não davam conta de transportar romeiros que vinham de toda parte, via Jeceaba. Chegava cartas de todo o Brasil e até do exterior, as quais ela benzia e ateava fogo logo em seguida. Algumas pessoas afirmavam que as correspondências continham dinheiro: moedas de 1.000 réis e outras eram vistas entre as cinzas dos papéis das cartas. Num cômodo de terra batida Manoelina rezava e recebia as pessoas, muitas das quais traziam ex-votos de cera e retratos; ela benzia água que era distribuída para as pessoas, rezava e pedia que rezassem, e, normalmente não receitava remédios.

A historiadora Conceição Parreiras Abritta (de Crucilândia-MG), registrou no seu livro *História de Crucilândia* (Belo Horizonte, Página Studio Gráfico, 1988) que “chegavam caminhões repletos de pessoas em sua casa, gente a pé, a cavalo, pessoas vindas de todos os lados. A família de Manoelina não tinha mais sossêgo nem para trabalhar. Chegavam sacos repletos até às bordas de correspondência, muitas das quais traziam dinheiro. Vestia-se de uma túnica azul comprida e um véu branco na cabeça. Dormia em um catre de madeira, sem colchão e roupa de cama”.

O prof. Saul Martins (in *Folclore em Minas Gerais*. 2ª.Ed. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1991. p.68), assim opinou: “Na área do espiritismo, sobretudo o de Alan Kardec, a primeira grande expressão revelada foi Manoelina ou Santa Manoelina dos Coqueiros, como se tornou conhecida e venerada na década de 30. Seguiram-se Chico Xavier (...), Zé Arigó...”.

Carlos Drummond de Andrade, sob o pseudônimo de Antônio Crispim, publicou no *Minas Gerais*, edição de 25/02/1931, bela crônica a respeito de Manoelina. O texto voltou a ser publicado na Revista do Arquivo Público Mineiro, ano XXXV, 1984, páginas 80-81. Drummond relatou que “... as pessoas que antigamente, no dia mais ocupado da semana, também chamado dia de descanso, seguiam para Santa Luzia, Morro Velho ou Acaba Mundo, vão hoje a Entre Rios, onde uma santa faz

milagres no alto de um morro. (...) A maioria, porém, vai a Coqueiros porque Coqueiros é um lugar de bênçãos onde um diálogo se estabelece ardente e puro, entre os anjos do céu e uma cafusa da terra (...). A cafusa pede ao anjo que ponha ordem nas coisas do mundo, que retifique a perna dos paralíticos, que sare as feridas e conforte os comerciantes falidos. O anjo diz que vai providenciar e recolhe esses apelos da dor humana. Enquanto isso, no morro, distribui-se uma água que jorra da bica, e nessa água, que lava todas as misérias, os homens inquietos e as mulheres torturadas encontram a paz que inutilmente haviam perdido nos santuários, nas ruas e nos cinemas deste mundo. A santa, que é pobre, inspira mais confiança aos pobres que outras santas, e sendo trabalhadora humilde da fazenda, tudo a recomenda ao carinho dos humildes, dos pequeninos, que até agora não tinham uma representante direta na classe das taumaturgas (...). A lição de Manoelina aos aflitos e curiosos que a procuram é uma lição de humildade (...). Na sua casa de barro, entre coqueiros, diante do trezinho da Central em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo, palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor, e mil outras coisas importantes...”.

A fama de virtuosa que Manoelina adquiriu, como não poderia deixar de ser, chegou até a região de São João del-Rei. Eu ouvi dos meus pais, avós e amigos deles relatos de que romarias eram organizadas da cidade e dos distritos são-joanenses com destino a Coqueiros. Muitos ascendentes meus já participaram desta peregrinação... Ir a Coqueiros era, se assim posso dizer, o programa imperdível da época, quer seja pela curiosidade, pela fé ou pelo simples orgulho de ter o que dizer para os amigos. Em 1932, as presenças de José Vespasiano de Abreu (vulgo *Pinho*, então fazendeiro de Nossa Senhora de Nazaré, atual Nazareno - MG), Francisco Guimarães Mattar (o *Chico Turco*),

José Lopes da Silva (*Nhonhô Lopes*) e Evandro Ávila (o *Vandico*, pai do advogado Wainer de Carvalho Ávila) foram registradas numa fotografia em que o quarteto estava postado defronte ao casebre onde Manoelina viveu, montado em vistosos cavalos...

Vítimada por anemia profunda, aos 49 anos de idade, em 14 de março de 1960, Manoelina Maria de Jesus faleceu em Crucilândia. A chamada *Santa dos Coqueiros* foi enterrada no cemitério paroquial da cidade, na sepultura número 284, onderomeiros ainda a invocam e dizem receber suas graças, deixando ali, em retribuição, muitas flores...

Creio que o relato de vida de Manoelina e a fama que ela adquiriu como milagreira encaixam-se no que frei Chico (Franciscus Henricus van der Poel) e Lélia Coelho Frota escreveram no *Abecedário da Religiosidade Popular – Vida e Religião dos Pobres*: “a religiosidade popular tem uma dimensão histórica e é essencialmente manifestação de vida. É a fé católica dentro de uma realidade muito concreta. No ano de 1992, os bispos da América Latina reafirmaram, em Santo Domingo, sua opção preferencial e bíblica pelos pobres e defenderam a inculturação do Evangelho nas mais diversas culturas. Achamos que, sem conhecer e valorizar o sistema das culturas, dos comportamentos e das formas de fé que constituem a religiosidade popular, não será possível imaginar esta inculturação”.

***Historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. João del-Rei**



Manoelina de Coqueiros (reprodução de imagem do Photo Marzano, s.d.)





SER MINEIRO

Rogério Medeiros Garcia de Lima*



“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia” (Léon Tolstói)

Nascer mineiro

Nasci em São João del-Rei, Minas Gerais.

Sou utópico e mantenho sempre acesa a chama da esperança: só poderia ser brasileiro.

Especulo e dissimulo bastante: tinha mesmo de ser mineiro. Mineiro das “Minas” e das “Gerais”.

Nasci nas “Minas” dos catadores do ouro.

Garimpo ideias.

Porém, fui juiz de direito em Montes Claros, norte do estado. Entre 1992 e 1995, vivi no sertão das “Gerais”.

Travessia.

São João del-Rei, minha terra natal

O músico, escritor e professor são-joanense, Abgar Campos Tirado, observou, com sua invulgar inteligência, que São João del-Rei possui um *“encanto diferencial”*.

Realmente a cidade está erguida em sítio privilegiado. Compõe paisagem pictórica: o magnífico vale, cercado por montanhas e cortado pelo Córrego do Lenheiro. As edificações históricas - especialmente as Igrejas barrocas e as duas pontes de pedra - embelezam ainda mais o panorama.

São João del-Rei jamais refugou ideais libertários. O alferes Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*,



nasceu na Fazenda do Pombal, hoje situada no vizinho Município de Ritópolis. Foi batizado na Igreja do Pilar, em São João del-Rei. Os “Autos da Devassa” registram declaração do Protomártir da Independência à autoridade inquiridora, onde afirmou ser natural da “Comarca de São João del-Rei”.

A são-joanense Bárbara Heliodora é uma das heroínas da pátria. Evitou que o marido - o ouvidor e poeta Alvarenga Peixoto -, delatasse os companheiros inconfidentes em momento de fraqueza moral.

Tancredo Neves – outro notável são-joanense - discursou da sacada do imponente *Palácio da Liberdade*, ao assumir o governo de Minas Gerais, em 1983:

“Mineiros, o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade. Liberdade é o outro nome de Minas”.

O governador são-joanense estava predestinado a conduzir, com sabedoria e habilidade, a transição democrática de 1985. Sacrificou a saúde e a vida na consolidação desse ideal.

Foi sepultado em São João del-Rei e repousa no panteão dos heróis da pátria. Sobre a lápide, no cemitério de São Francisco, lemos célebre frase por ele proferida outrora, em discurso aos conterrâneos:

“Terra minha, amada, tu terás os meus ossos, o que será a última identificação do meu ser com este rincão abençoado”.

São João del-Rei cultiva seculares tradições religiosas. Realizam-se na cidade piedosas procissões, durante a Semana Santa e em outras datas santificadas. Os são-joanenses são profundamente católicos.

Além do sagrado e do político, também cultivamos a verve mundana. Festejamos alegremente o carnaval. Apreciamos teatro, festivais e apresentações musicais. Possuímos qualificadas universidades e instituições de ensino. Nossa produção intelectual é nacionalmente reconhecida. Os restaurantes servem a melhor comida mineira.

A Maria Fumaça apita, anunciando a viagem até Tiradentes. Os mineiros - já se disse - temos uma montanha diante dos olhos, uma banda de música soando nos ouvidos e um trem de ferro correndo nas veias.¹

Sertão das “Gerais”

O poeta mineiro Affonso Romano de Sant’Anna descreveu a “Minas plural”:

“A riqueza de Minas está inscrita no seu próprio nome – é um estado plural. Plural de montanhas, plural de minérios e mineiros. (...)”

“Minas são muitas em uma. Há um mineiro mais paulista, um mineiro mais carioca, um mineiro mais baiano, um mineiro mais capixaba, um mineiro mais goiano. E eis o mistério: todos convergem para a mesma identidade”.

Minas há muitas, dizia João Guimarães Rosa – que também romanceou em “Grande Sertão: Veredas”:

“...O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja? Que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde o criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade”.

“...O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte”.

“...O sertão é do tamanho do mundo”.

“...Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...”.

“...O mundo, meus filhos, é longe daqui”.

Fernando Sabino, a Minas que está onde sempre esteve

Fernando Sabino era muito imbuído da sua mineiridade:

*“Minas está onde sempre esteve. Eu levo Minas comigo onde eu estou, Minas está aqui nesta cadeira. Agora, (...) se existe alguma coisa que consiste em ser mineiro vem a ser não se tocar nesse assunto”.*²



“Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com linguça.

“Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. (...)

“Evém o mineiro. Ele não olha: espia. Não presta atenção: vigia só. Não conversa: confabula. Não combina: conspira. Não se vinga: espera. Faz parte de seu decálogo, que alguém já elaborou. E não enlouquece: piora. Ou declara, conforme manda a delicadeza. No mais, é confiar desconfiando. Dois é bom, três é comício. Devagar, que eu tenho pressa. (...)

“Um Estado de nariz imenso, um estado de espírito: um jeito de ser. Manhoso, ladino, cauteloso, desconfiado – prudência e capitalização. (...)

“Mas todos os princípios se desmoronam diante de um bom lombo de porco com rodelas de limão, tutu de feijão com torresmos, linguça frita com farofa. De sobremesa, goiabada cascão com queijo palmira. Depois, cafezinho requentado com requeijão. Aceita um pão de queijo? Biscoito de polvilho? Brevidade? Ou quem sabe uma broinha de fubá? Não, dona, obrigado. As quintandas me apertencem, mas prefiro um golinho de Januária, e pronto: estou sastisfeito...

“Falar de Minas, trem danado, só. Vasto mundo! Ah, se eu me chamasse Raimundo. Dentro de mim uma corrente de

nomes e evocações antigas, fluindo como o Rio das Velhas no seu leito de pedras, entre cidades imemoriais. Prefiro estancá-las no tempo a exaurir-me em impressões arrancadas aos pedaços, e que aos poucos descobriam o que resta de precioso em mim – o mistério da minha terra, desafiando-me como a esfinge com o seu enigma: decifra-me, ou devoro-te.

“Prefiro ser devorado”.

Na crônica “Conversinha Mineira”, o forasteiro, em uma leiteria do interior de Minas, tenta conversar com o dono:

“(…) - Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?

- Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.

- E há quanto tempo o senhor mora aqui?

- Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso garantir com certeza: um pouco mais, um pouco menos.

- Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?

- Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.

- Para que Partido?

- Para todos os Partidos, parece.

- Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.

- Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...

- E o Prefeito?



- Que é que tem o Prefeito?
- Que tal o Prefeito daqui?
- O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
- Que é que falam dele?
- Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
- Você, certamente, já tem candidato.
- Quem, eu? Estou esperando as plataformas.
- Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede, que história é essa?
- Aonde, ali? Uê, gente: penduraram isso aí...”.

Os meninos que fizeram arte

Era uma vez um grupo de meninos mineiros e agregados. Fundaram o célebre “Clube da Esquina”:

*“...Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem...”*⁴

Fernando Brant e Márcio Borges são, na minha opinião, os mais inspirados poetas do “Clube”.

Borges perpetuou as histórias do grupo, no excelente livro “Os sonhos não envelhecem”. Brant apresentou a obra:

“Márcio Borges é um poeta. Com olhos de cinema, literatura e música ele viu e vê a vida. Máquina humana

de decifrar o mundo com palavras, sons e imagens, ele me aparece agora contando cacos de um tempo querido, os anos sessenta e setenta.

“Mais particularmente, ele fala dele, de Belo Horizonte e do Brasil, daqueles dias que mudaram radicalmente o mundo. Fala dele e de seus amigos, seus companheiros de viagem, eu incluído, dos sonhos dos sonhos que compartilhamos, da vida e da arte que criamos juntos.

“Mais importante: dá um depoimento verdadeiro e emocionado sobre o Clube da Esquina, movimento cultural original e espontâneo surgido na Capital de Minas, parente do que de melhor se fazia no planeta musical.

“Em torno desses rapazes mineiros e brasileiros, sócios da utopia e do amor à vida, Márcio Borges compôs um magnífico romance de geração”.

Borges e Brant escreveram a letra da música “Para Lennon e McCartney”, interpretada magnificamente por Milton Nascimento (o “Bituca”). Sintetizaram em inspirado verso:

“Sou do mundo, sou Minas Gerais”.

Fernando Brant, eu e a “cumplicidade astuta” dos mineiros

Tive o privilégio de ser amigo de Fernando Brant, falecido precocemente em 2015, durante sua última década de vida.⁵

Eu dizia ao Brant, jocosamente, que seu talento vinha de São João del-Rei, minha terra natal. O pai de Fernando era o honrado diamantinense desembargador Moacyr Pimenta Brant, que conheci já aposentado.

Os Brant de Diamantina são descendentes do são-joanense Felisberto Caldeira Brant, que foi contratador de diamantes na terra de JK.

Alvo de intrigas, Felisberto foi levado preso a Lisboa, por ordem do Marquês de Pombal. Acusaram-no de desviar diamantes do Distrito Diamantino. Ficou encarcerado na Cadeia do Limoeiro.⁶

Durante o terrível terremoto na capital portuguesa (1755), o presídio ruiu e os presos fugiram. Felisberto, todavia, apresentou-se a Pombal e se ofereceu para ajudar na reconstrução de Lisboa. Foi reabilitado.

Conversa de mineiro é assim: sempre se acha um elo familiar, histórico, geográfico, político ou cultural. E nasce uma aquela “cumplicidade astuta”...

Fernando era enraizado, não quis sair de Minas Gerais. Declarou à revista *Casa dos Contos*:

*“Sou mineiro, bem mineiro. E acho que existe, sim, uma maneira mineira de ser. O mineiro é único e complexo. Belo Horizonte sintetiza a mineiridade: tem tradição e modernidade ao mesmo tempo. O mineiro é, como eu já disse, aquele homem com ‘o pé no chão e o olho no mundo’. O JK, por exemplo, sai de Diamantina, pobre, para ser um cara com uma visão universal. Então nessa coisa de que falar do próprio quintal é falar do mundo, a gente tem um Guimarães Rosa, um Drummond... o mineiro é universal”.*⁷

A Minas abissal de Drummond

Carlos Drummond de Andrade, mineiro de Itabira, versejou sobre o estado natal no poema “A palavra Minas”:⁸

Minas não é palavra montanhosa

É palavra abissal

Minas é dentro e fundo

As montanhas escondem o que é Minas.

No alto mais celeste, subterrânea,

*é galeria vertical varando o ferro
para chegar ninguém sabe onde.*

Ninguém sabe Minas. A pedra

o buriti

a carranca

o nevoeiro

o raio

selam a verdade primeira,

sepultada em eras geológicas de sonho.

Só mineiros sabem.

E não dizem nem a si mesmos o

irrevelável segredo

chamado Minas.

Mineiro, um jeito sólido e líquido de ser e estar

Afonso Romano de Sant’Anna exaltou as artimanhas das velhas raposas políticas mineiras:

“Os mineiros se divertem a si mesmos e aos demais falando da ‘mineiridade’ (sabedoria) e da ‘mineirice’ (esperteza). Na política, Benedito, Alkimin e Tancredo ilustram esse anedotário. E outros se especializaram nessa irônica interpretação, como Guimarães Rosa, Drummond e Fernando Sabino. (...)”

“Ser mineiro é um modo sólido e líquido de ser e estar”.

Tancredo Neves eternizou frases lapidares:

*“Contem comigo para correr riscos, mas não para uma aventura”.*⁹

*“É preciso deixar a onda bater várias antes de apurar o que tem na espuma”.*¹⁰

*“Esperteza quando é muita come o dono”.*¹¹

Certa feita, um puxa-saco tentou confidenciar algo a Tancredo, um “segredo que ninguém pode saber”. A raposa são-joanense devolveu:

*- Então não me conte, meu filho. Se você, que é dono do segredo, não consegue guardá-lo, imagine eu.*¹²

O ex-governador mineiro Benedito Valadares foi outro folclórico frasista:

*“Tem hora que a gente tem de fingir de morto para poder viver”.*¹³



Atribui-se a José Maria Alkmin – outra raposa política mineira – a famosa frase:

“Em política, mais vale a versão do que o fato”.

O verdadeiro autor da frase seria o político e intelectual Gustavo Capanema, também mineiro, que interpelou o amigo Alkmin:

“Como é que você usa o que eu escrevi e diz que foi você que o fez?”.

Alkmin respondeu zombeteiro:

“O que vale é a versão...”¹⁴

Fui...

É hora de sair de fininho. Meu amigo e editor Eugênio Ferraz poderá me admoestar por escrever demais.

Nessas ocasiões, o retirante abrevia a despedida:

- Fui...

Mineiro faz isso como ninguém:

“Minha gente, vou-me embora. Mineiro está me chamando. Mineiro tem esse jeito, chama a gente e sai andando”¹⁵

***Desembargador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e Mineiro Nato e Inato!**

NOTAS:

1 Frase de Jorge Fernando dos Santos, in PRAZERES, Ângelo. Momentos de Minas. São Paulo: Ática, 1984.

2 Entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, 1989. 3Crônica “Minas enigma”.

4 Versos da música Clube da Esquina II, de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges.

5 GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros, Fernando Brant, estirpe e poesia, jornal O Tempo, Belo Horizonte, edição de 14.07.2015, seção Opinião, p. 21.

6 CINTRA, Sebastião de Oliveira Cintra. Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei, 1994.

7 Ouro Preto/MG, Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, nº 8, dezembro de 2009, p. 26.

8 ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa e prosa, 1977.

9 Jornal O Tempo, Belo Horizonte, edição de 16.01.2005, p. A-5.

10 Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, edição de 05.12.2012, p. 7.

11 GASPARI, Elio. A grande história de Tancredo Neves, jornal Folha de S. Paulo, edição de 26.03.2017, caderno Poder.

12 CASTRO, Ruy. O poder de mau humor, 1993.

13 Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, edição de 21.03.2002, p. 29.

14 PASSARINHO, Jarbas. A força da versão, jornal O Estado de S. Paulo, edição de 19.06.2001, seção Opinião.

15 PRAZERES, Ângelo. Momentos de Minas, p. 33, frase do folclore mineiro.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

CASTRO, Ruy. *O poder de mau humor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CINTRA, Sebastião de Oliveira Cintra. *Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei*. São João del-Rei: Fapec, 1994.

GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. Discurso de posse como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei/MG, 06.04.2008.

Fernando Brant, estirpe e poesia, jornal O Tempo, Belo Horizonte, edição de 14.07.2015, seção Opinião, p. 21.

Tradições religiosas em São João del-Rei, jornal Gazeta de São João del-Rei, edição de 05.10.2013, p. 6.

GASPARI, Elio. *A grande história de Tancredo Neves*, jornal Folha de S. Paulo, edição de 26.03.2017, caderno Poder.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PASSARINHO, Jarbas. *A força da versão*, jornal O Estado de S. Paulo, edição de 19.06.2001, seção Opinião.

PRAZERES, Ângelo (seleção de textos). *Momentos de Minas*. São Paulo: Ática, 1984.

Revista *Casa dos Contos*, Ouro Preto/MG, Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, nº 8, dezembro de 2009.

SABINO, Fernando. *As melhores crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 14ª ed., 2010.

Entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, em 25.12.1989. Portal *Tiro de Letra*, disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/FernandoSabino.htm>, acesso em 04.10.2016.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Minas: um modo de ser e de estar*, jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, edição de 01.09.2011, p. 20.



Convento dos Mercedários de Belém do Pará: segunda edição do livro de Eugênio Ferraz foi lançada após dez anos da primeira edição

Guilherme Queiroz de Macedo*

FERRAZ, Eugênio. *Convento dos Mercedários de Belém do Pará: breve histórico e registro de sua recuperação*. 2 ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2.000.

A segunda edição de *Convento dos Mercedários de Belém do Pará*, de autoria de Eugênio Ferraz, após dez anos do lançamento da primeira edição, em 1.990, coloca novamente em evidência a necessidade da conscientização da comunidade no que concerne à preservação de prédios ainda utilizados como repartições públicas e que guardam valor como patrimônio histórico e cultural das comunidades na qual estão inseridos. O Ministério da Fazenda destaca-se, dentre os demais órgãos públicos, pelas restaurações efetuadas em imóveis sob a sua responsabilidade: a Casa dos Contos de Ouro

Preto e o Convento dos Mercedários de Belém do Pará são exemplos importantes de sua atuação, não só na preservação física dos prédios, como no incentivo à reedição de uma das obras de Eugênio Ferraz, cuja importância e interesse, mais que oportunos, são permanentes.

A reedição da obra de Ferraz, não percorre somente os detalhes técnicos da restauração de um dos mais importantes monumentos históricos e culturais de Belém do Pará. O autor estabelece um diálogo que percorre desde o processo de documentação do estado de abandono em que se encontrava o prédio, desde o seu incêndio em outubro de 1.978, passando pelas origens históricas de sua construção pela Ordem Religiosa de Nossa Senhora das Mercês (Mercedários) nos séculos XVII e XVIII, pelas lutas desencadeadas dentro do prédio durante o movimento popular da Cabanagem no século XIX até o processo de sua minuciosa restauração no final do século XX.

O trabalho de resgate da história do monumento paraense o autor nos apresenta, como inicialmente sinalizou no subtítulo da obra *Breve Histórico e Registro de sua Recuperação*, informações históricas relevantes que vão desde as origens da atuação missionária dos Mercedários (3) no Pará que remontam o século XVII (BORGES: 1992, p. 11-63, 323-25), a expulsão das ordens religiosas (dentre as quais os Mercedários) no final do século XVIII, o movimento da Cabanagem no século XIX (4), o processo movido pela Igreja contra o Estado no momento em que se separavam oficialmente, através da Constituição Republicana de 1.891, as duas Instituições, cuja transcrição encontra-se no final do livro (FERRAZ: 2000, p. 181-211).

Para o levantamento dos aspectos arquitetônicos e técnicos da restauração do Conjunto dos Mercedários, Eugênio Ferraz empreendeu uma ampla pesquisa em plantas antigas do prédio em Arquivos Históricos de Portugal e o estudo dos materiais empregados originalmente em cada ambiente do prédio. Dentre os registros iconográficos incluídos na obra de Eugênio Ferraz, destaca-se uma das obras mais significativas do ponto de vista artístico, do pintor italiano Alfredo Norfini (1867 - 1944), intitulada *A tomada do trem de guerra*. No livro de Ítala

Bezerra da Silveira encontramos também do mesmo artista uma reprodução da tela *Cabano Paraense*, datada de 1.940 (SILVEIRA: 1994, p. 5-6). Ambas as obras artísticas de Norfini traduzem uma representação artística da Cabanagem na primeira metade do século XX, que guarda uma estreita correlação com a *visão dos historiadores depois do centenário da Cabanagem*, (SILVEIRA: 1994, p. 41-56). O Conjunto dos Mercedários destaca-se na representação artística de Norfini como cenário do que Eugênio Ferraz chamou de *singular, rica e trágica história paraense personificada na Cabanagem - que teve como palco destacado o Mercedários* (FERRAZ: 2000, p 21).

A reinauguração do Conjunto dos Mercedários, em 04 de junho de 1.987, foi destacada na Introdução da obra, na qual o autor ressaltou a importância e o significado da recuperação do monumento paraense, palco de trágicos e marcantes acontecimentos históricos, bem como um dos exemplares originais do estilo arquitetônico praticado pelo arquiteto bolonhês Antônio José Landi (Bolonha 1.708 – Belém 1.790), que já não se inspirava no estilo barroco típico dos anos setecentos. O monumento testemunhou o fausto e o declínio do ciclo econômico da borracha, em fins do século XIX e início do século XX. Como sede da Alfândega de Belém do Pará fazia os lançamentos das arrecadações fiscais geradas pelas riquezas produzidas pelo vizinho “Mercado Ver o Peso”.

Na contracapa da obra trechos de duas fontes primárias são mostrados em destaque: o primeiro intitulado *Notícia da Fundação do Convento dos Mercedários em Belém do Pará* e o segundo, retirado do Processo Judicial de disputa pela posse do prédio do Conjunto dos Mercedários entre a Igreja e o Estado, em fins do século XIX. Na Apresentação da obra, Eugênio Ferraz destacou, na época, o programa editorial do Ministério da Fazenda, no que concerne à publicação de obras sobre a restauração de seus imóveis de valor artístico, histórico e cultural, iniciadas com a publicação da obra *A Casa dos Contos de Ouro Preto*.

As demais ocupações do prédio no século XX, a proposta de demolição (1.960) e o incêndio ocorrido em outubro de 1.978 foram destacados no final do pri-



meiro capítulo da obra pelo autor. Eugênio Ferraz chama atenção para a concepção de preservação do patrimônio histórico-cultural, contida na proposta de demolição de 1.960. Embora salientasse que a *tradição do antigo Convento* poderia impedir a demolição do mesmo, minimizava os efeitos do seu *impacto arquitetônico*, uma vez que, como afirma Ferraz: *entendia o relator que a demolição do prédio, ao invés de descaracterizar, daria maior realce à Igreja das Mercês, bastando para tanto, que o edifício que substituisse o Convento fosse construído afastado das divisas do terreno, no centro de um jardim. Dessa forma, ficaria a Igreja devidamente isolada e, via de consequência, em maior evidência.*

Eugênio Ferraz destacou a concepção de preservação do patrimônio histórico-cultural predominante a partir das décadas seguintes, marcada por *uma maior preocupação com a preservação e a ocupação dinâmica dos nossos valores arquitetônicos* e, ao mesmo tempo, demonstra a sensação que seria imaginar um prédio de mais de vinte andares construído para abrigar as repartições fazendárias construído ao lado da Igreja de Nossa

Senhora das Mercês: *imagina-lo junto à Igreja das Mercês, no local do Convento, é hoje uma visão aterradora.*

Mas o destino do prédio não estaria longe das ameaças e perigos de sua destruição definitiva: com a transferência das repartições fazendárias para um novo prédio distante do Convento dos Mercedários, este foi cedido ao Governo do Estado do Pará, que instalou no local a Secretaria da Fazenda. Em 18 de outubro de 1.978, um incêndio destruiu praticamente todo o prédio do Convento. Na tentativa de salva-las do incêndio, várias peças sacras barrocas (santos, objetos sacros) foram atiradas na rua, sendo danificadas e roubadas. A Igreja ficou a salvo da destruição devido à rápida ação dos bombeiros em isolá-la das chamas que vinham do Convento.

Na segunda parte da obra, Eugênio Ferraz apresenta *um registro visual do abandono* em que se encontrava o prédio do Convento dos Mercedários por mais de dez anos. Em seguida, na terceira parte, descreve a recuperação do Conjunto dos Mercedários: desde a assinatura do Convênio, a coleta dos dados para o Projeto, os levantamentos do entorno, da edificação, as

prospecções, a descrição dos ambientes, a obtenção de recursos orçamentários e licitação pública da construtora responsável pelas obras de restauração. Na parte final do terceiro capítulo, registra os nomes das pessoas e instituições incentivadoras do que chamou no próprio capítulo terceiro de *um projeto grandioso*.

O trabalho, realizado pelo Ministério da Fazenda, de preservação do patrimônio histórico-cultural em suas repartições, notadamente a Casa dos Contos de Ouro Preto e o Convento dos Mercedários de Belém do Pará, tornou-se uma das grandes contribuições à preservação da memória histórica do Brasil em tempos recentes. As obras publicadas sobre a restauração dos dois imóveis fazendários tornaram-se, desde a sua publicação em 1.985 – *A Casa dos Contos de Ouro Preto* e em 1.990 – *Convento dos Mercedários de Belém do Pará*, marcos da historiografia fazendária, que testemunham dois grandes momentos da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, representado pela restauração e recuperação de ambos os monumentos históricos, tornando-se referência obrigatória para o conhecimento e a conscientização dos cidadãos da importância da preservação de nosso patrimônio histórico, artístico e cultural.

O autor propôs, na época da reedição de *Convento dos Mercedários de Belém do Pará* que a obra poderia ser novamente um ponto de partida para o lançamento de novas obras sobre a história dos prédios fazendários, inseridas no contexto econômico e social das diferentes regiões do Brasil, resgatando de forma significativa diversas facetas de nosso País, cuja diversidade já se evidenciava desde os tempos coloniais. O autor também destacou a importância da parceria entre a preservação cultural e a racionalização do uso dos espaços ocupados por repartições públicas, uma vez que o projeto original

de recuperação do Conjunto dos Mercedários, previa locais destinados à implantação de espaços culturais: *áreas com destinação histórico-cultural, através de museus e salas de exposições, bem como um Centro de Estudos do Ciclo da Borracha, nos moldes do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, instalado na Casa dos Contos de Ouro Preto (FERRAZ: 2000, p. 17).*

No entanto, a revitalização do monumental Conjunto histórico-arquitetônico da Igreja e do Convento dos Mercedários de Belém do Pará, após a sua completa e definitiva restauração, não ensejou o desejo original do autor de implantação de um Museu e do Centro de Estudos do

Ciclo da Borracha, nos moldes do Museu da Casa dos Contos e Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, em Ouro Preto, Minas Gerais.

Notícias recentes sobre o destino do prédio do Convento dos Mercedários de Belém do Pará, publicadas na imprensa paraense, informam que os órgãos fazendários deixaram o prédio e que o mesmo está completamente pichado e abandonado. A posse do imóvel, de acordo com o noticiário,

está sendo objeto de disputas entre os Governos do Estado do Pará e a Prefeitura de Belém do Pará. Além disso, existe a proposta de privatização do imóvel, que é um bem tombado pelo patrimônio histórico nacional, para uma rede de hotéis de Portugal.

No entanto, a Universidade Federal do Pará – UFPA manifestou interesse em ficar com o prédio do Convento dos Mercedários, para nele instalar órgãos de ensino, pesquisa e extensão. Como servidor técnico-administrativo de Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), entendo que a transferência do imóvel para a UFPA seria a melhor solução, pois as Universidades Federais brasileiras possuem uma grande tradição, história e experiência em manter e conservar bens culturais e históricos, como as Universidades Federais de

*“Mas o destino
do prédio não
estaria longe das
ameaças e perigos
de sua destruição
definitiva...”*

Minas Gerais, Ouro Preto, Lavras, Viçosa, Uberlândia e do Triângulo Mineiro (Uberaba-MG), só para citar as principais Instituições Federais de Ensino mineiras. Desejamos e esperamos que a Reitoria da Universidade Federal do Pará consiga sensibilizar a Secretaria do Patrimônio da União, do Ministério da Fazenda e, assim, ficar com a posse definitiva do prédio do Convento dos Mercedários. Desta forma o imóvel histórico não teria o seu destino histórico e cultural ameaçado, pois seria revitalizado para ser destinado às atividades de ensino, pesquisa e extensão, missão precípua das IFES brasi-

leiras, dentre as quais a UFPA. Desejamos que sejam adotadas medidas urgentes e imediatas para a revitalização do prédio histórico e a sua destinação como órgão de ensino, pesquisa e extensão da UFPA, preservando desta forma o maravilhoso conjunto histórico arquitetônico palco da Cabanagem no século XIX, cuja restauração já data de trinta anos, coordenada por Eugênio Ferraz, autor da obra objeto desta resenha.

***Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.**

NOTAS

1ª Edição. Belo Horizonte: Enggraf, 1990. 2ª Edição. Belo Horizonte: C/Arte, 2000. Para efeito de citações utilizaremos a 2ª Edição da obra, exceto quando mencionada também a 1ª Edição.

Para um maior conhecimento sobre a atuação missionária dos Mercedários nas áreas americanas de colonização espanhola e portuguesa existe um capítulo de autoria de Pedro Borges, publicado pela Fundación Mapfre América na coleção de obras intitulada *Colecciones Mapfre 1.492: 500 Años, América Hacia el futuro*.

Para maiores informações sobre o movimento da Cabanagem, em seus aspectos historiográficos, antecedentes históricos, aspectos políticos e econômicos, veja a dissertação de mestrado Ítala Bezerra da Silveira, intitulada *Cabanagem: uma luta perdida*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BORGES, Pedro. Ordenes Misioneras: Los Mercedários. In: Religiosos em Hispano América. Madrid: Fundación Mapfre América, 1.992, p. 11-63; 323-25.

FERRAZ, Eugênio. A Casa dos Contos de Ouro Preto: ensaio histórico e memória da restauração no ano do seu bicentenário. 1 ed. Belo Horizonte: Multicor Artes Gráficas, 1.985.

FERRAZ, Eugênio. A Casa dos Contos de Ouro Preto: ensaio histórico e memória da restauração no ano do seu bicentenário (ocorrido em 1984). 2 ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2004.

FERRAZ, Eugênio. Convento dos Mercedários de Belém do Pará: breve histórico e registro de sua recuperação. 1 ed. Belo Horizonte: Enggraf, 1990.

FERRAZ, Eugênio. Convento dos Mercedários de Belém do Pará: breve histórico e registro de sua recuperação. 2 ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2000.

LEMOS, Carlos A C. Arquitetura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1.979, p. 51-56.

MENDES JR., Antônio e MARANHÃO, Ricardo. Brasil História: texto e consulta 3 – República Velha. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1.983.

SILVEIRA, Ítala Bezerra da. Cabanagem: uma luta perdida. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1.994.



Memória de Barbacena: importante trabalho de resgate

Doorgal Gustavo Borges de Andrada*

Quando da publicação do livro que destaca a cidade de Barbacena, em dez/20017, me inspirei em duas grandes razões que motivaram tal objetivo. O primeiro foi narrar um resumo da história da cidade. O segundo foi o de valorizar e divulgar as fotografias antigas do município.

Desta forma, selecionei uma grande quantidade de fotografias que retratam a cidade entre os anos de 1890 a 1950. Depois, no mesmo ângulo da foto antiga, foi tirada uma foto nova, visando mostrar a transforma-

ção da cidade, numa comparação entre as duas fotos. Abaixo de cada um delas, foi descrito o local, como surgiu à rua ou praça, a importância dos prédios públicos e as evoluções históricas daquele pequeno local. Ao final, o livro trás um resumo da história da cidade, falando um pouco sobre a evolução das atividades jornalísticas, educacionais, teatrais, políticos partidários, cinematográficos, hospitalares e etc., além de dados geográficos e estatísticos populacionais.

Praça Adriano de Oliveira e Estação Ferroviária



Estação Ferroviária e praça Adriano de Oliveira em 1946



Estação Ferroviária e praça Adriano de Oliveira hoje em dia

A atual praça Adriano de Oliveira primeiro se chamou Hermílio Alves e, após 1930, foi denominada praça João Pessoa, nome de um dos líderes da revolução. Também é conhecida popularmente como praça da estação. O prédio do hotel visto ao fundo, à direita, ainda existe, assim como o prédio da esquina em frente ao mesmo hotel. Nota-se ao lado direito da foto que o passeio para pedestre era contínuo, sem a existência da atual rua que vai para o bairro Jardim.

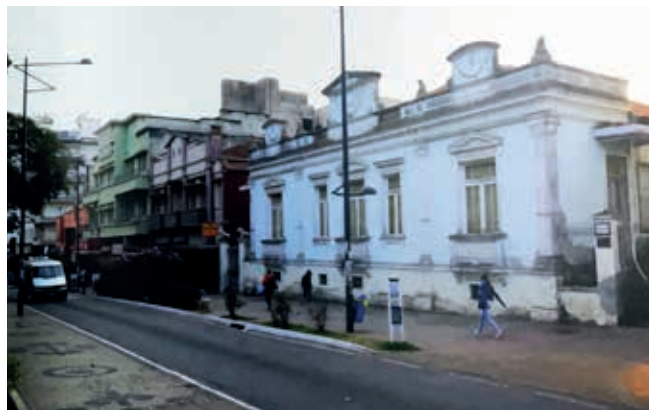
A Estação Ferroviária foi inaugurada em 1880 na inicialmente denominada Estrada de Ferro D. Pedro II, depois Estrada de Ferro Central do Brasil e, por fim, Rede Ferroviária Federal – antes de ser privatizada. Até a década de 1970, a estação recebeu trens de passageiros. Esta ferrovia sempre foi um importante e movimentado meio de ligação entre o Rio de Janeiro e o centro de Minas Gerais.



Antigo ponto de táxi central



Praça dos Andradas na década de 1930



Praça dos Andradas atualmente

À direita na foto, os então denominados carros de praça ou carros de aluguel, hoje chamados táxis, estacionados na praça dos Andradas, fileirados em direção à rua 15 de Novembro. À esquerda na foto, temos o jardim da praça.

A grande casa residencial em cor azul-claro, em frente da qual estavam os carros de aluguel na foto anterior, continua preservada e pertence aos familiares do saudoso dr. Theoblado Tolendall, médico e ex-prefeito municipal.

Ladeira da rua General Câmara, em direção aos bairros



Ladeira da rua General Câmara em 1907



Vista atual da rua General Câmara

A rua General Câmara tem a sua parte mais alta no encontro com a praça Conde de Prados. Lá, no começo da rua, está a Cadeia Velha. Descendo, após passar a primeira esquina (à esquerda) – local denominado praça da Bandeira – a rua passa a se chamar Barão do Triunfo e faz curva para a direita.

Hoje, com sua estrutura arquitetônica completamente modificada, a rua está asfaltada e de mão única de trânsito, permitindo-se aos veículos apenas descê-la.

***Desembargador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**

No meio do caminho há Matozinhos

Manoel Hygino dos Santos*



Por cidades mineiras se passa, sem lhes dar, na maioria das vezes, a importância devida. Isso é pecado. Elas são palco indelével de acontecimentos e episódios que se encontram no âmago do tempo. Observe-se o que redigi: que se encontram e não que se perdem. Só se perde o que não se quer junto de si ou consigo.

É o caso de Matozinhos, no caminho antes muito poeirento do Norte de Minas. Uma cidade tranquila, de gente que labora, que ama a cultura, seu passado, as tradições, parada obrigatória de linhas de coletivos intermunicipais e interestaduais, com o costumeiro café com quitanda, ou refrigerante ou água mineral, depende da temperatura do dia.



A paróquia do Senhor do Bonfim de Matozinhos foi criada em 25 de agosto de 1823 – e a “Toponímia”, de Joaquim Ribeiro Costa, não deixa mentir. Pertenceu a Santa Luzia, passou a Pedro Leopoldo, até alcançar autonomia por lei nº 1.058, de 31 de outubro de 1943 – ainda no Estado Novo, de Vargas, sendo governador de Minas Benedito Valadares. Compreendeu os distritos de Capim Branco e de Prudente de Moraes e da sede. Perdeu aqueles, mas acolheu o de Mocambeiro.

Com 263 km quadrados, Matozinhos possui um belo acervo cultural e uma das maiores concentrações espeleológicas do Brasil. São 269 cavernas, grutas, abrigos e outras cavidades catalogadas, além de 20 sítios arqueológicos, entre os quais a Gruta do Ballet e da Lapa da Cerca Grande, com 302 figuras rupestres. Sem contar o sítio das Bolerias, onde se descobriram recentemente ossadas humanas com 8.500 anos e de uma preguiça

gigante, somando mais de 10 mil anos.

Integrante da bacia do Rio das Velhas, cortam a região o Ribeirão da Mata e o Córrego Samambaia, que percorre o município, quase metade montanhoso e metade ondulado. Lugar bom para se viver e trabalhar em paiz (outrora, foi o nome do local), em meio à violência que estigmatiza estes dias.

Não se admitiria que somente as celebradas e queridas cidades, ditas históricas, têm atrações e despertam interesse. Em Matozinhos, por exemplo, há preciosidades, como a Fazenda da Jaguará, uma joia colonial, de construção iniciada em 1724, e ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, com risco ou projeto de 1786, atribuído ao Aleijadinho. A simples citação impele ao aprofundamento da pesquisa em excelentes fontes, como os estudos do prof. Ivo Porto de Menezes, aos quais irei recorrer.

Toda a riqueza se localiza a apenas 47 quilômetros de Belo Horizonte, na zona metalúrgica, com altitude máxima de 1.023 metros, como esclarece a eficiente assessora de comunicação do município, Daniele Fernandes; do aeroporto Internacional de Confins, são somente 14 quilômetros.

Lembre-se que a fazenda de Jaguara foi vendida, em certa época, ao inglês George Chalmers, que doou altares e ornamentos à matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Nova Lima, onde estão. Outras peças foram transferidas a mais templos ou se encontram em mãos de colecionadores.

A região foi habitada por índios, talvez das tribos Goianás e Tupiniquins. A origem do povoado está ligada aos remanescentes da antiga bandeira, com 240 homens submetidos ao nobre espanhol Dom Rodrigo de Castelo Branco, nomeado pelo rei português como Administrador Geral das Minas. Partiu de São Paulo em 19 de março de 1681, com a missão de encontrar o bandeirante Fernão Dias, no povoado do Sumidouro, mas este já falecera. Com seu sucessor e genro, Manuel de Borba Gato, houve desentendimento e o espanhol, foi morto, segundo alguns historiadores, pelas mãos de dois subordinados do bandeirante, em 28 de agosto de 1682.

Com a morte de Dom Rodrigo, vários integrantes do grupamento, sem liderança, se apoderaram do gado, instrumentos, armas e munições da bandeira e se dispersaram pelos arredores do baixo Rio das Velhas, dando origem a diversos povos. A primeira referência de domínio da terra, onde está situado o município, é uma carta de doação da Fazenda Jaguara, hoje Jaguara, passada pelo governador das Minas, Antônio Coelho Carvalho, a João Ferreira dos Santos, morador de Caeté, em 18 de janeiro de 1711.

O povoado iniciou-se ao redor de uma capela edificada no local onde se descobriu uma imagem do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, em ruínas de um antigo assentamento bandeirante. A capela primitiva foi erguida por Inácio Pires de Miranda, conforme provisão de 30 de maio de 1774, depois curato da Matriz de Roça Grande, Sabará.

Em 31 de agosto de 1895, foi inaugurada a esta-

ção da Estrada de Ferro Central do Brasil e o chefe da construção, o engenheiro Lassance Cunha, influenciado pelas notícias de pacificação no sul do país, determinou que o lugar se chamaria "PAZ". Ergueu-se uma placa com o nome, mas a mesma amanheceu riscada e no lugar escrito "MATOZINHOS", denominação que prevaleceu. A inauguração produziu reflexos progressistas, dando partida ao desenvolvimento econômico e social da região, como a instalação da primeira fábrica de tecidos de lã em Minas Gerais, em 1908, na localidade de Peri-Peri. A fábrica atingiu seu apogeu, com exportação de cassimira para todo o mundo, nas décadas de 40 e 50. Pela estação, se transportavam o milho e o feijão de Matozinhos, um dos maiores produtores da região, conforme o prefeito Antônio Divino de Souza.

Festa do Rosário

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é tradicional e a mais representativa do bairro do Cruzeiro, realizada sob a responsabilidade da Guarda do Congo, celebrada desde 1933.

O festejo do Reinado é comemorado anualmente na semana que precede ao último domingo de agosto, com celebrações na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, e na Praça Santa Cruz, em manifestações profanas nas ruas adjacentes.

Outras festas e eventos culturais e históricos, como a Folia de Reis, Congado, Boi da Manta constituem atrações locais, como a festa de Nossa Senhora do Rosário, na sede e distrito, Juninas, da Semana Santa, Carnaval e aniversário da cidade, quando centenas de pessoas ocupam os hotéis, pousadas, hotéis-fazenda, sítios e restaurantes.

A Capela do Rosário, edificada talvez na primeira metade do século XX, é o segundo templo mais antigo do município. Trata-se de construção simples, como as erigidas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. A fachada principal do templo apresenta porta com verga reta e folhas de abrir almofadada.

A Praça da Estação/Casario Antigo

A Praça Desidério Junqueira, conhecida como Praça da Estação, reúne, no mesmo espaço, o prédio da gare ferroviária, inaugurado em 31 de agosto de 1895. Conservam-se suas características originais e o casario antigo da cidade, com destaque para a casa onde nasceu Caio Martins, o “Escoteiro Padrão do Brasil”, a Igreja de Santa Terezinha e a praça arborizada, com coreto, em que se promovem eventos artísticos e culturais.

Festa de Mocambeiro

Em agosto, no Distrito de Mocambeiro, repete-se anualmente a apresentação da Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Candomblé e outros: a novena, as missas, o levantamento do Mastro, cortejos e as visitas aos Reis e Rainhas.

O Santuário

O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos se situa no mesmo local onde havia uma capela do século XVII. Desta, restou apenas o material que reveste as colunas de sustentação da nave. O templo atual, inaugurado em 1929, foi projetado pelo padre italiano Sebastião Scarzello, também médico e engenheiro. A construção foi uma tentativa de reproduzir os traços e a organização do espaço interno de uma igreja existente em Milão.

A edificação destaca-se do casario, por suas proporções monumentais e mostra uma réplica de igrejas renascentistas italianas, adaptados aos materiais e sistemas construtivos regionais. Apresenta átrio de grandes dimensões,

dividido em cinco ambientes que correspondem aos elementos da fachada. Sua planta apresenta eixo de simetria e o Santuário possui o maior número de janelas da América Latina.

O Santuário é um centro de peregrinação que atrai, todos os anos, desde 1856, durante o Jubileu do Sr. Bom Jesus, em setembro, milhares de visitantes.

Igreja de São José

Trata-se de um remanescente de arquitetura colonial, situada num terreno de esquina, Praça Carlos Martins Sobrinho com Rua Waldemar Pezzini, com porta voltada para a praça. A igreja teve origem com Matozinhos, sabendo-se por relatos orais que a construção se deu ainda no século XVIII. Faz parte do primeiro ciclo de desenvolvimento da cidade que culminou com sua elevação a freguesia em 23 de agosto de 1823, através de alvará imperial. Nela foram sepultados dois sacerdotes: padre João Joaquim do Carmo e padre Fernando Taitson.

Personalidades

Dentre as figuras mais importantes da Cidade há o escoteiro Caio Martins, herói na assistência do grave acidente ferroviário em 1938; o Visconde do Rio das Velhas, Quintiliano José da Silva, ex governador da província e ministro do império; o conselheiro Antônio Torquato de Almeida, o escritor Agripa Vasconcelos, autor de “A vida em flor de Dona Bêja” e muitas outras obras que lhe deram uma cadeira na Academia Mineira de Letras.

***da Academia Mineira de Letras**

RESTAURAÇÕES SINGULARES NO BRASIL

e outras experiências acerca do patrimônio nacional



Novo projeto do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural | INDIC, viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo a Cultura. Os dois primeiros volumes já estão no prelo e serão lançados em breve.

Trata-se de uma trilogia que versa restaurações de importantes monumentos nacionais, mostrando em imagens e detalhes técnicos, aliado a aspectos históricos suas trajetórias e recuperações pelo país, resumindo algumas delas e detalhando a do Convento dos Mercedários e sua anexa Igreja das Mercês de Belém do Pará, no volume I e o Teatro Amazonas no volume II.

Contém, ainda, o primeiro volume, cópia de instigante processo judicial do século XIX, cujo resultado deu à Fazenda Nacional, por vários anos, a posse da Igreja. Discussão jurídica, na época da recém instalada república, recheada por conceitos que deram, posteriormente, origem ao Código Civil Brasileiro.

Para adquirir seu exemplar a preço promocional | R\$ 50,00 | entre em contato: indic.br@gmail.com



Patrocínio | volume I



Patrocínio | volume II



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



memoriacult.com.br

A sua revista de cultura agora na internet.
Veja artigos veiculados nas edições impressas
em atualizações constantes.

Curta nossa página

facebook.com/MemoriaCult



Mais informações: memoriacult@gmail.com